

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 65

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua de República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 15 de Fevereiro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesa
R. DE PAIO GALVÃO

Educação jesuítica

O sr. dr. Alfredo Magalhães, professor do liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, quando no domingo ultimo apresentou no nosso teatro a tuna dos liceus daquela cidade, que aqui veio realizar um sarau, foi duma franqueza e sinceridade que impressionou agradavelmente todos os assistentes.

Assim, referindo-se ás relações entre professores e alunos, manifestou a opinião de que elas deverão ser o mais íntimas possível, cumprindo, em todo o caso, que o professor mantenha respeito e que o aluno lhe preste obediência.

E espraçando-se em considerações várias, grande parte das quais tendentes a demonstrar a eficácia dessa cordialidade de relações, não pôde deixar de afirmar que, se estudantes ha que cometem ás vezes graves faltas, isso deve atribuir-se á educação jesuítica que lhes foi ministrada.

Sentimos não poder dispôr de maior espaço do que o que nos está reservado neste semanario, para dizermos desassombradamente quanto nos sugere a frase do illustre professor.

E' que, na verdade, consola vêr que vão aparecendo homens que, sem o menor reboço, dizem o que sentem, alto e bom som, a fim de que se dissipem pouco a pouco as ilusões que ainda povôam os cerebros de muitos que crêem ser um crime falar-se claro e forte, embora diante dum publico notoriamente aferrado a velhas normas.

Nós percebemos, diga-se de passagem, que s. ex.ª seria capaz de dizer muito mais do que disse, se não se tratasse dum despretencioso dircurso de apresentação. As suas ultimas palavras deixaram-nos a impressão de que mais longe fóra... se mais longe podéra ir...

Entanto, disse o sufficiente para que tirêmos ilações utilissimas e que forneçam materia de sobra para este artigo.

O jesuitismo, quer personificado nos roupêtas que a Re-

pública exilou, quer disfarçado sob várias fórmãs, de casaca e sem ela, conseguiu infiltrar-se em tudo e em toda a parte, para deturpar a verdade e entronisar a hipocrisia. Apresenta-se quasi sempre de espinha dobrada, seráfico e dulcíssimo para mais facilmente captar simpatias e amoldar aos seus sombrios designos os desgraçados que não têm coragem para repelir um inimigo que ha sido, em todos os tempos, o maior flagélo da humanidade.

E como na escola, dêsde a instrução primária á superior, está concentrado o grande exército, o exército esperançoso que ha-de no futuro dirigir os destinos da nação, o negregado jesuitismo ali acórre pressuroso, solícito, para estabelecer normas e ministrar educação, a seu talante.

Depois, como facilmente se compreende, a sociedade continuará a ser aquilo que o jesuitismo quer — reaccionária, tímida, duma ridícula pusilanimidade moral e física, que causa arripios, e, sobretudo, pérfidamente hipócrita.

Ao lado da Verdade, para a combater deslialmente, estará sempre o jesuita, porque a Verdade é a Luz e o jesuita detésta-a.

Não que pôde matá-lo... Legiões e legiões de jesuitas povôam o Universo. Usam disfarces, muitas vezes, para escaparem ás garras dos que, por mero acaso, se libertaram do jugo jesuítico que é necessário partir, derrubar, ainda á custa dos maiores sacrificios.

Em toda a parte aparecem criaturas eivadas do vírus do jesuitismo, opondo-se, por isso, sistematicamente á marcha progressiva da humanidade.

O mais simples e trivial acontecimento dá-lhes margem á livre expansão do seu arrevezado modo de vêr as cousas, quasi de continuo em detrimento dos interesses gerais da colectividade.

Isto contrista, mas nós crêmos que, apênas volvida uma dezena de anos, se operará uma satisfactoria transformação na sociedade portugueza. Para isso concorrerão muitissimo os professores que, co-

mo o sr. dr. Alfredo Magalhães desassombradamente expõem a verdade ácerca da educação a ministrar á mocidade estudiosa, e, a proposito, devêmos dizer que as suas palavras de domingo atingiram, e bem, talvez sem que s. ex.ª o quizesse, a academia vimaranense.

Emfim, a educação jesuítica deve ser relegada dos estabelecimentos de instrução, verdadeiras fontes de nocividade e desagregação social quando lá entra a peçonha do jesuitismo.

Lútem por isso todos os que possam.

Para bem de Portugal.

Para dignificação da Humanidade.

R.



Castigos do ceu...

Sob este titulo, salienta a «Republica», da ultima segunda-feira, o facto de se andar já a especular junto dos ingenuos e dos crenes com os terriveis estragos causados em quasi todo o país pelos temerosos temporais dos ultimos dias, attribuindo tudo a castigo do ceu... por causa da impiedade de que a Republica tem dado tremendas mostras; e acalma os nervos dos tímidos ou assustadiços, lembrando que em Hespanha, França, Inglaterra e outros países o temporal tem tambem feito á larga das suas.

Sabemos que cá pelo burgo ha tambem quem pense e declare o mesmo, não por ingenuidade, que isso se perdôa e toléra nas criaturas simples e ignorantes, mas por estupidez ou calculada velhacaria, que outra significação não teem essas imposturices faladas e escritas... para se levar a vidiha no meio que muito bem se conhece e explora.

E agora?

Produziu funda impressão a derrocada de parte da formosa torre do templo de S. Torquato, que uma faisca causou, e que ainda o ano passado foi inaugurada e... solenemente benzida.

Os prejuizos, avaliados em réis 4:500:000, não se teriam dado se, conforme o desejo do respecti-

vo architecto, tivessem simplesmente colocado ali o indispensavel pára-raios, que nem a estátua da Senhora do Sameiro disfarçadamente tem dispensado para aplacar as iras do ceu.

Já é descurar os creditos do santo!...

A «tesoura»...

E' corrente e, á força de ser moeda corrente, é banal ouvir-se dizer que nas manifestações da rua só se destaca a «chulice» e o rapazião. A esta asseveração segue-se o risinho alvar, como se gente superior estes criticos fosse... Depois, o que é pior ainda, ha quem se retráia, quem não vá tomar parte nessas manifestações — para se não confundir. Ora, se aos linguareiros, que se embarricam nos cafés e põem o nariz á porta dos estabelecimentos, tais «sentimentos» ficam bem, outro tanto não sucede com os que á sua crítica alvar se submetem, pois com isso só revelam pouca coragem moral, excesso de respeitois sociais, inconstancia nos seus actos.

Dê cada um exemplo de si, mostrando o desprezo que semelhantes «patarátas» merecem; sigam óvantes e... deixem ladrar a matilha!

Recebedoria

Estuda a nossa Camara a maneira de juntar a recebedoria do concelho ás demais repartições, evitando assim inconvenientes ao publico. Para esse efeito pensa em adaptar a capela onde dorme o S. Jorge, que, por sinal, é de palha, salvo seja. Fica esta dependencia no mesmo edificio onde funciona a fazenda, a administração e a policia, o que dá certo; ignorando nós se o pequeno espaço dessa capela será sufficiente, mesmo abrindo-lhe janelas para o lado do quintal, como consta que vão fazer.

Vem a proposito citar os artigos de lei que regulam o assunto. A lei de 13 de Maio de 1896, art. 7.º, reza assim: — «As recebedorias dos concelhos serão instaladas, sempre que fór possível, nas repartições de fazenda. Desaparece, porem, aquele — sempre que fór possível — lendo-se o art. 6.º, § 2.º do decreto n.º 1 de 24 de Dezembro de 1901, que agora regula o caso e é como segue: — «As recebedorias funcionarão sempre no mesmo edificio em que estiverem instalados os escrivães de fazenda.»

Balanço

As receitas totais da Camara deste concelho, no ano de 1911, foram: 56:410:843 réis, ou sejam mais 4:784:883 réis que no ano anterior.

Sabemos que escrupulosa, honesta e, tanto quanto possível,

inteligente e acertada, tem sido a gerência da actual comissão administrativa da Camara Municipal, e o resultado acima é um reflexo da verdade do que afirmamos. Com satisfação, pois, podemos mais uma vez reeditar o que no n.º 4 deste semanario escrevemos: — «A primeira comissão administrativa republicana que dirige os negocios municipais deste concelho já demonstrou mais tino, mais energia e mais qualidades de trabalho do que muitas vereações dos politicos da monarchia, embora os membros da actual vereação sofram o prejuizo de serem menos doutorados, menos abelhões»

Um epime da Igreja

O assassinio de Giordano Bruno

Passa depois de amanhã o anniversario de um dos muitos crimes, qual deles mais odioso, de que é ré a igreja catolica apostolica romana. O catolicismo fala sempre muito nos mártires do cristianismo, que foram efectivamente muitos, nos tempos em que outras religiões, tão intolerantes como hoje o são a catolica e congêneras, perseguiram os cristãos como a cães danados. Do que, porém, nunca ele fala é dos mártires que ele proprio tem feito, e que se contam por milhões, em quinze seculos de barbara predominação, dentro dos dezannove que veem desde a epoca em que se diz ter nascido Cristo até aos nossos dias. No numero destes mártires está Giordano Bruno, queimado vivo por ordem da Inquisição, a 17 de Fevereiro de 1600, na praça das Flores, de Roma, em frente ao Vaticano, no mesmo logar onde hoje se ostenta altaneira a sua estátua, protesto da civilização contra os assassinos, simbolo do remorso que devia atormentar a religião catolica, se ela fosse susceptivel de tais sentimentos.

Nascido em Nola em 1549, Giordano Bruno, filho de crentes, e crente ele proprio, dedicou-se á vida religiosa. Foi frade. Estudou filosofia e humanidades. Inteligente e dedicado ao estudo, bem novo adquiriu merecida fama de sábio. Teve entrada no Vaticano, e ali conseguiu presenciar o modo como era vilipendiada, com a venda de indulgências e outros actos de ignobil mercantilismo, a religião em cuja pureza se viu obrigado a não mais acreditar. Revoltou-se contra tanta infâmia. Rasgou as vestes fradescas e expatriou-se. Na Alemanha, na França, na Inglaterra dedicou-se ao magistério, sendo professor em várias universidades; e preceptor de alguns príncipes; assim viveu largos anos do ensino. A nostalgia da terra natal chamou-o á Itália. Regressou

e instalou-se em Veneza. A Inquisição romana, que lhe não levava a paciência o não se ter conformado com o que vira no Vaticano, e que o processára como relapso, acusando-o de se ter convertido ao calvinismo, obteve de Veneza a extradição de Giordano Bruno, e, após um iníquo simulacro de processo, como os que se faziam em Portugal, na Bastilha da Parreirinha, entregou-o aos carrascos, que o queimaram vivo.

Já sobre a pira de lenha que em breve ia arder e reduzi-lo a cinzas, Giordano Bruno, ao ouvir ler a sentença condenatória, dizia ironicamente aos seus pseudo-juizes que eles deviam sofrer mais, moralmente, com o remorso de terem proferido semelhança iniquidade, do que ele próprio sofreria fisicamente, quando estivessem as chamas a consumir-lhe o corpo. Pouco depois, daquela grande espirito de revoltado, daquela cérebra poderoso que irradiava as luzes do seu saber e da sua inteligência pela Europa central, só restava um montão de cinzas e de ossos calcinados!

Estava consumada a obra de crueldade e atrás vingança da igreja católica apostólica romana. No que, porém, se iludia essa tenebrosa religião, era em pensar que, morto o apóstolo, mortas ficavam também as suas ideias. E nas suas próprias tradições lendárias tinha ela uma prova do erro grosseiro em que laborava. Se os que torturaram Cristo o não tivessem glorificado e posto em evidência com a auréola do martírio, nunca o cristianismo teria existido. Assim também o martírio de Giordano Bruno foi um golpe formidável na religião que o assassinou. A sua estátua é um padrão de glória para as ideias pelas quais o mártir deu a sua vida, e um ferrete de ignomínia para a igreja que o fez morrer nos horrores da fogueira. Assim, igualmente, a estátua de Ferrer, erguendo-se um dia sobre as ruínas da odiosa e odiada fortaleza de Montjuich, ha de mostrar ás gerações vindouras o que havia de nefasto num fanatismo que se desfaz dos seus adversários como a Espanha clerical se desfez do benemerito fundador da Escola Moderna.

E essa estatua ha de erguer-se um dia, como em Roma brilha a de Giordano Bruno, e como na explanada de S. Julião da Barra, no sitio onde foi enforcado e queimado o general Gomes Freire de Andrade, se ergue o monumento comemorativo da lúgubre tragédia de 18 de outubro de 1817.»

Augusto José Vieira.

João Franco

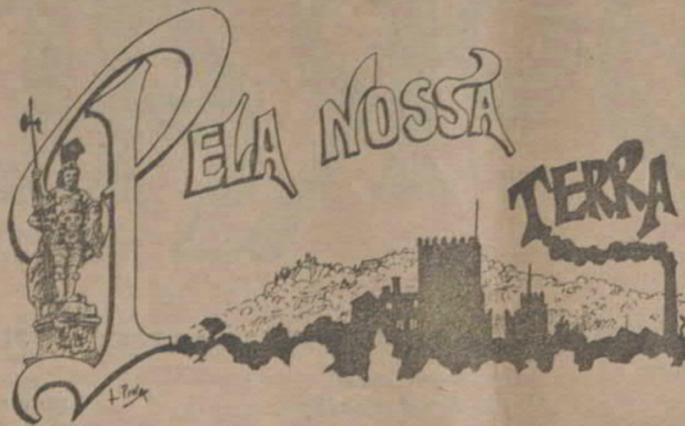
E OS

Caixeiros de Guimarães

Pelo sr. Governador Civil foi proibida a assembleia geral, que varios sócios da Associação dos Empregados de Comercio requereram ao respectivo presidente, para, no domingo passado, em virtude dos factos anormais que ali se têm desenrolado a proposito da já tão debatida questão do seu ex-socio honorario João Franco, vulgo «O libertador da classe».

Descanço nas farmácias

No proximo domingo encontra-se aberta a farmácia Dias Machado.



Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Longe estaria de supôr, certamente, a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, ao fundar, sob a sua protecção, a Misericórdia de Lisboa, em 1498, o grande incremento que haviam de tomar as instituições de caridade modeladas pela sua, cujo numero subia já, em 1755, a duzentas trinta e uma, só no continente do reino.

A acção util e protectora dos estabelecimentos deste genero facilmente se adaptou o espirito religioso da época, alastrando pelo Pais como uma onda benéfica que por toda a parte atraía os corações compadecidos e espalhava o conforto e as bênçãos dos desgraçados.

Modestos foram os seus recursos iniciais, na maioria das terras de provincia, onde, todavia, como na nossa, chegaram a atingir recursos valiosos pela acumulação successiva das doações honestamente administradas, de que surgiram essas casas modelares de beneficencia com jus á nossa admiração.

A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, que nos orgulha, como uma das que mais se salienta entre as suas congéneres, começou por socorrer, nas proprias moradas, antes de 1606, os doentes pobres por meio da *governança*, constituída por um grupo de doze irmãos da Misericórdia que para tal fim esmolavam pela vila.

Adaptadas depois a hospital umas casas que ela possuía, ha vinte anos, junto á igreja do mesmo nome, ali permaneceu até 1844, em que definitiva e exclusivamente começou a funcionar no convento dos Capuchos, adquirido e convenientemente adequado para substituição do primitivo, que muito deixava a desejar. Mas a sciencia requeria mais e melhor, e a respectiva corporação, que aspirava á posse de um hospital condigno, lançou solenemente, em 1861, os fundamentos da obra que em successivas edificações, ahí está hoje a atestar o quanto pôde a iniciativa inteligente e patriótica, principalmente quando tem a bafeja-la a caridade de benemeritos cidadãos.

Os raros progressos desta instituição tão util são tanto mais para admirar quanto é certo que o hospital correu o risco de fechar-se em 1811, por exiguidade de meios, reduzidos ao magro rendimento de 600.000 réis. Assim, esta Santa Casa, que no ano de 1704 tinha um fundo de 36 contos apenas, possuía em 30 de junho do ano findo, incluindo os asilos que administra e o legado de Campinas, um capital rial com hipotecas de 475.568.000 réis e um capital nominal de réis 235.249.000, cujo rendimento anual médio, nos cinco anos ultimos, foi de 30.505.000 réis.

Os seus encargos são numerosos e importantes, mas nem por isso deixa a Santa Casa de satisfazer os compromissos de cari-

dade que lhe são inerentes, fazendo reverter os saldos anuais para a capitalisação do legado de Campinas, nos termos do mesmo. Este importante legado de réis 57.656.561, do benemerito Antonio Francisco Guimarães, falecido em Campinas, e destinado á construção de um hospital-albergue em Vizela, que vai construir-se, atinge já, com os juros acumulados, o importante capital rial de 151.811.000 réis e nominal de 9.350.000 réis, recebendo a Misericórdia os juros de metade do capital primitivo.

Além do Asilo de S. Paio, que alberga 40 entevados de ambos os sexos; do asilo de Donim, devido aos bemfeitores João e Serafim Antunes Guimarães, que o doaram em 21 contos, dos quaes 10 nominaes em inscrições, com o encargo de 6 asilados e caldo e pão a mais de 14 indigentes; do recolhimento das Trinas para asilo de senhoras honestas—cumpre ainda a Santa Casa importantes legados anuais, distribuindo ainda no ano findo 308.885 réis de dotes com pensões em dinheiro; 331.000 réis para vestir pobres; 90.400 réis para alimentar os pobres em vésperas de Natal e todas as quintas-feiras; 65.000 réis para banhos termas e réis 271.000 para os presos.

O hospital da Misericórdia possui 11 enfermarias e ocupa alguns pavilhões de construção recente e a parte antiga, sobresaindo a sua pequena, mas nobre fachada. Encontra-se á direita do visitante, transposto o alegre átrio, a secretaria do hospital, com retratos de bemfeitores, ao fundo da qual se destaca o de José Lopes da Cunha Velho, que evitou que o hospital fechasse na sua grande crise, doando-lhe toda a sua fortuna.

No pavimento inferior existem as enfermarias n.º 1 e 2 (medicina) para homens e mulheres e a enfermaria dos irmãos da irmandade; salas da aceitação e dos curativos (banco); gabinete das consultas; balneario, cosinha, dispensa e alguns quartos para arrumo e enfermarias que serviram para militares. No pavimento superior existem as enfermarias n.º 4 e 5 (cirurgia) para homens e mulheres, n.º 3 (medicina) para mulheres; enfermarias da maternidade e das irmãs da irmandade; 5 quartos particulares de 1.ª e 2.ª; salas das operações e do arsenal cirurgico; dormitórios para enfermeiros e roupa e louceiro.

Na parte antiga ha 2 enfermarias para contagiosos do sexo masculino e 1 para mulheres; guarda roupa dos doentes, salão de trabalho, sala da roupa suja e cosinha; e, finalmente, na cerca, que é espaçosa, o pavilhão isolado para enfermaria das crianças. Tanto desta como das enfermarias de medicina para mulheres, gosam-se surpreendentes panoramas para o campo, que as tornam muito alegres.

O movimento hospitalar é muito importante, a avaliar pelo movimento de 1911. Ali receberam hospitalisação 1618 individuos; deram-se 2027 consultas no banco e fizeram-se 12763 curativos. Predominou em tudo o sexo feminino, excepção feita nas 54 operações ali realizadas, nas quaes a maioria (31) coube ao sexo masculino. O serviço clinico é exercido trimestralmente por 3 dos 6 médicos do quadro, e o hospital tem farmácia propria anexa ao edificio.

Na visita que ali fizemos encareceram-se os criteriosos serviços e o zelo do tesoureiro, sr. Alfredo Belino, e por entre as atenções do pessoal avaliamos da dedicação da habil irmã Pilar, tida em muito apreço pelo corpo médico, a quem estimulamos a proseguir no caminho da sua piedosa missão. Na secretaria da Santa Casa, onde colhemos preciosos dados da amabilidade do sr. Simão Neves, faz-se sentir a necessidade de pessoal moço que se inicie na respectiva escrituração para futuras eventualidades.

Ao retirarmos-nos do hospital, a petizada doente correu ao varandim do pavilhão, alegre e despreocupada, semelhante um bando de pardais em plena seara, chamando pelo cão que guarda a cerca e que saltava diante de nós, quando iam pensando no retraimento que se operou nas doações á beneficencia durante a nefasta influencia jesuitica nesta cidade.

Desvio de agua

OU

UM CONTADOR "POLICIA,"

Divorciando-nos das duas correntes de opinião que á volta deste caso se esboçam — uma que a olhos fechados acredita e teima que o desvio se desse; outra que, sem apurar nem ouvir, afirma e vota pelo contrario—nós, estranhos ás correntes, como diziamos, continuamos no nosso posto de noticiarios, esclarecendo os que, como nós, ainda olham a serio para estes assuntos de moralidade e higiene publica.

E' neste proposito, pois, que, abordando pessoa que seguiu a vistoria, apta estava para nos esclarecer. E de passo que nos encaminhavamos á casa do nosso entrevistado, neste jogo de raciocinio iam os: — Mas que mais é preciso esclarecer para se apurar... o que parece estar provado? Pois não diz o relatório do engenheiro, já presente á Camara, que o desvio se deu? Não o afirmam, com evidentes provas, aqueles que procederam á vistoria da canalisação?

Que falta, afinal? — Alguma coisa falta, e essa muito importante: é que se não deixem impunes os que, procurando a defesa, não hexitam em ir até ao ponto de injuriar chamando *dementados* aos que ordenam e mais aos que executam ordens no consciante proposito de corroborar com nitidez e segurança a verdade dos factos! Mas há melhor. Pois não ouvimos nós já, por os *faladeros*, cultivar a intriga de que a agua, a haver sido desviada, tambem o podia ter sido para casa do *vereador* F..., que tambem carece de agua na sua industria?!

Posta a hipotese e não a esmagando em seu inicio, de estranhar não seria que, amanhã, — e lembremo-nos que as situações falsas a tudo levam! — dir-se-ia que o acusado não era A, mas B, pois que, por sinal, até era ve-

reador! Tudo seria possível. Assim raciocinando com nós mesmos, pozemos de entrada esta pergunta:

—Sabe agora o que se diz p'r'aí do caso da agua? Que o tal contador «policia» não pode ser tomado como observador fiel do gasto da agua para casa do particular discutido, visto que não fôra colocado, como devia, pois tambem deixava abranger o consumo da agua para outro particular. E' verdade? Acolhida a nossa pergunta, assim de chofre, o nosso amigo esclarece-nos, não sem que nos deixasse de observar, de principio, que *simpatizava* pouco de, neste caso, ser *fonografo* da «Alvorada», acrescentando, todavia:

—Sei o que se diz, e não o estranho; sómente deve informar, no seu jornal, que o vereador apontado, immediatamente ao ter conhecimento da alusão, requereu á Camara para que esta, sem detença, mandasse verificar da canalisação.

—E que pensa o nosso amigo de semelhante pormenor?

—Que é uma velhacaz invenção para desviar o efeito da accusação.

—Devemos, contudo, considerar mal feito esse serviço do contador vigia, não é isso?

—Sim; foi lamentavelmente mal feito esse serviço, embora esta circunstancia não destrua o magnifico resultado da descoberta, pois todos sabem — menos os que velhacamente exploram este pormenor! — que esse vereador não carece da agua municipal para a sua industria, pela razão simples de que a tem, como os seus colegas, em abundancia, dum regato que a todos utiliza. Pode, por isso, sem hesitação, dizer aos seus leitores que essa *habilidade*... não pega.

—E qual é a sua opinião, visto que de perto seguiu a vistoria, sobre o crime denunciado?

—E' de que, quanto a mim, moralmente, o facto é verdadeiro.

—Pondo em si, na sua consciencia essa asseveração, está convencido de que não vexa a reputação desse particular acusado? E o nosso amigo, que é uma criatura escrupulosa e sincerissima, olhando bem a frase, acenou de novo, com firmeza:

—E' a minha convicção!

—E essa convicção, veio-lhe?... pode dizer-nos de que?...

—Olhe;—antepõe com decisão o nosso entrevistado: — preferia que me deixassem, que o jornal se não lembrasse de mim. Com tristesa penso e cogito muitas vezes que este mundo jámais se endireitará, e que, por isso, erro é a gente meter-se com «galos grandes»...

—E' de parecer então que todos devemos optar pela filosofia do egoismo! Que repugnante não seria esta sociedade em que vivemos se não a espiritualisássemos com estes combates de justiça! Cança este combate, nós sabemos; muitas vezes se é vencido nele... , porque não nos perdoam aqueles a quem a verdade fere nos seus interesses. Mas como classificar um jornal que, dando publicidade a occorrencias policiaes,—onde muitas vezes não é o crime, mas a miséria que se pune—não noticiasse, por sua vez, estes casos de alto escândalo? Que era um jornal pulha! que era um jornal indigno! — não é verdade? Ora é isso que nós não queremos que se diga da «Alvorada»... enquanto ela poder resistir—e vamos, já agora, tendo confiança que resistirá.

—E', portanto, sua convicção que o desvio se deu, porque...

—Porque não me convenço

que um particular, para seu seu doméstico, mesmo tomando banho todos os dias, precise do dois depósitos que mais ou menos julgo terem dimensões para levar 12 pipas de agua. E' certo que, ao presente, está para ali encanada a agua de um poço; mas, alem de se ter averiguado que essa canalisação é remontada de fresca data, acresce ainda a extraordinaria ciscunstandia de, tambem para o mesmo deposito, o estar a agua municipal, como se verificou numa das vezes em que ali fômos, pondo a funcionar uma ligação que havia fóra do alcance do contador.

—Disse-se que o contador, quando ali foram, não funcionava; tem este desarranjo alguma importancia para o assunto em questão?

—Tem; visto que na formação dum corpo de delito são quasi sempre desses pequeninos nadas que, por exemplo, se chega ás vezes a descobrir o busilis de um particular que paga 1 a 2 metros cubicos de agua por mês, oscilando todavia o seu gasto entre 20 a 30 metros cubicos por dia!



Aviso aos proprietarios

Lembrámos a conveniencia de serem mudados para os seus actuais possuidores os predios que ainda se encontrem nos antigos nomes, pois que, para evitar erros ou duplicações, será bom que todos tenham os predios inscritos nos verdadeiros nomes. E' por todo o corrente mez de fevereiro, que na repartição de finanças, deste concelho, se trata deste serviço.

Doentes

—Tem guardado o leito a sr.^a D. Albertina Rodrigues, esposa do sr. Domingos de Aldão.

—Encontra-se melhor a esposa do sr. Gaspar Ribeiro.

A nova direcção da Associação Commercial

As comissões para as "Gualterianas,"

Em assembleia geral desta colectividade foi eleita, por aclamação, a seguinte Direcção:—Presidente, Manoel Martins Barbosa de Oliveira; Tesoureiro, José Menezes de Amorim; Secretário, José de Freitas Costa Soares; Directores: Manoel Caetano Martins, Antonio Joaquim Gonçalves e Manoel Pereira Duarte. Suplentes: Antonio Pereira Mendes, e Joaquim Teixeira de Carvalho Junior.

FESTAS GUALTERIANAS

Grande Comissão:—José Salgado, Joaquim Patricio Saraiva, Simão Ribeiro, Domingos José Pires, José Maria do Souto, Manoel Alves da Silva Cosme, Eduardo da S. Guimarães, Joaquim de Sousa Pinto, Antonio Lopes de Carvalho e os presidentes da Associação Artistica, Fabricantes de Calçado, Curtidores e Suradores.

Comissão Central:—Abel Cardoso, José de Pina, Padre Gaspar Roriz, um delegado da Gran-

Falta de espaço

O nosso modesto semanário com ensanchas e áres de quotidiano prometeu no seu ultimo numero uma mão cheia de assuntos enéditos, sem nos lembrar que as dimensões da gazeta são escassas e as colunas não são elasticas. Assim explicado o grave mal, ficam os leitores sabendo que o que não vem agora e fóra prometido... é porque de novo se promete que ainda vem.

—Tambem um erro de paginação fez que a gravura viesse fóra do artigo referente á «Santa Casa da Misericórdia de Guimarães». Um mundo de pequenas arrelias!

Preságios

A igreja dos Terceiros, de Barcelos, sofreu grossa derrocada com os ultimos temporais e a tres quilómetros da vila uma faisca la victimando dois padres que iam em transito. Que diabo! E' caso para fazermos tambem um bocado de espirito, attribuindo o facto a castigo do ceu, pela opposição tácita feita á lei de Separação e á negação do subsidio e da formação das cultuais. Aquela faisca parece uma ameaça aos dois reverendos de que seriam fulminados se continuassem na recusa.

Editos de 30 dias

(2.^a Publicação)

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar depois da segunda e última publicação deste anuncio, citando o credor Augusto Alves Teixeira, casado, proprietario, do logar das Vinhas, freguezia de Santa Comba de Regilde, da comarca de Felgueiras, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de Bento da Cunha Salgado e mulher Angelica Maria da Conceição Mendes, moradores que foram no logar do Ribeiro da Ponte, freguezia de Polvoreira, desta dita comarca; isto sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 30 de Janeiro de 1912.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Manuel Antonio Pinto de Rezende.

O escrivão do 5.^o officio,

Eduardo Pires de Lima.

CARNAVAL

Serpentinas e confetis

Drogaria Fernandes

Guimarães & Irmão

Rua da Republica, 80

Guimarães

EDITAL

O cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, administrador do concelho de Guimarães:

Faço saber, para cumprimento do n.^o 16 do art. 2.^o e 3.^o do Código Administrativo, que na presente época de carnaval se observe o seguinte:

E' proibido arremessar pós, tremoços, cocotes, aguas, estálos e quaisquer outros objectos que possam manchar, ou molestar as pessoas, ou deteriorar os predios.

Esta proscição abrange não só os transeantes das ruas e praças como tambem os frequentadores de casas de espectaculos.

Os contraventores respondem pelos prejuizos que causarem, e incorrem na pena de desobediencia, podendo sêr presos quando encontrados em flagrante e enviados a juizo.

Para constar mandei passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos logares mais publicos desta cidade.

Guimarães, Administração do concelho, 12 de Fevereiro de 1912.

E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario, o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

VINHO BRANCO PURO

Este excelente vinho, que foi premiado na exposição agricola de Guimarães, vende-se ao preço de 120, reis em garrafas de 7 decilitros, no estabelecimento de fazendas de lã, de Camilo Laranjeiro dos Reis, ao Tournal.



Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

—Encontra-se restabelecido dos seus incomodos o sr. Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador deste concelho.

—Tambem tem experimentado algumas melhoras o sr. Francisco de Assis Costa.

—Continua no mesmo estado o sr. Manoel da Silva Correia.

—Tambem se encontra doente o sr. Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães.

—Está convalescente o sr. José Menezes de Amorim.

—Tambem está doente o sr. João Alves Pimenta, procurador.

Falecimento

Faleceu na manhã de segunda-feira contando apenas 10 primaveras, a menina Maria Adélia Leão da Cruz Fernandes, extremecida filhinha do sr. Aureliano da Cruz Fernandes.

Os seus funerais realizaram-se ontem, pelas 11 horas, na Colegiada, com selecta e numerosa assistência.

A seus pais, o nosso sentido pesar.

—Igualmente faleceu hoje a sr.^a D. Alice Dias Ferreira, em casa do nosso bom amigo Dr. Alberto Rodrigues a quem endereçamos o nosso pesar.

de Comissão e um da Direcção, que entre si serão nomeados.

E... a ver vamos, senhores!

Excursão

Como noticiamos, chegou a esta cidade no domingo passado a Tuna Academica Portuense.

O tempo esteve mau, o que tirou um pouco o brilho á recepção que, foi contudo entusiastica.

Na «gare» eram esperados pela Academia, associações de classe, uma banda de musica e muito povo.

Apoz a sua chegada foram-lhe dadas as boas-vindas na Camara Municipal e Liceu e em seguida visitaram outras colectividades.

Em todo o percurso foram saudados e acolhidos com flores.

A' noite realizou-se o sarau que correu muito animado, jogando-se nos intervalos com intusiasmo serpentinas e «confetis».

Espectaculo

E' no proximo domingo e terça-feira de Entrudo que se realizam os espectaculos e bailes de mascarar no Salão Artistico Vimaransense, achando-se este belamente engalanado e profusamente iluminado a fôcos de luz electrica. Haverá serviço de «bufet.»

José de Pina

O nosso jornal é, de seu temperamento, — a «Alvorada» tem como as pessoas «o seu temperamento» — pouco atreito a elogios e a palavras encomiasticas. E tanto é o escrupulo que votamos a esta obstinacia que, algumas vezes, confessemos-lo, chegamos a ser exagerados, chegamos mesmo a pecar, — só pelo cuidado de não nos confundirem com os processos jornalisticos correntes. Assim é que o nosso amigo José de Pina fazendo anos, como toda a gente que se preza, viu, por este motivo, a sua vera-efigie em dous jornais — «O Caloiro» e o «Desforço» acompanhada de palavras amigas e de justiça. Nós não o fizemos e êle bem sabe que não é porque lhe queiramos menos: é que, pecando embora neste caso, preferimos ser dos ultimos a felicitá-lo... a ver se ganhamos ser dos primeiros na amizade.

Tambem vem a proposito noticiar, com agrado, que lemos num jornal de Viana referencias, as melhores, ao seu lapis de artista, por um croqui dum carro catnavalesco para figurar naquela cidade.

CINEMATOGRAFHO
é o grande acontecimento aos domingos

Morto illustre

Finou-se na madrugada de domingo, na official residencia do Priorado, o sr. dr. Manoel de Albuquerque, o ultimo Dom Prior da Colegiada de Guimarães. Reorganizando-se esta em 1891, que, como todas as do país havia sido extinta, foi por este distintissimo prelado regida desde 1895 até á data da execução da lei da Separação — fechando-se com a sua morte o ciclo tradicionalmente glorioso dessa pequena Diocese de onde chegaram a sair, como esclarece Albano Belino, 1 Pontifice, 3 Cardeais, 9 Arcebispos e 18 Bispos, alem de nela servirem 2 principes da casa de Bragança, motivo seguro porque os Dom Piores de Guimarães mereceram a classificação de primeiras pessoas do reino... até aos tempos do Cardeal infante Dom Henrique; e depois, em 1550, Dom Frei Baltazar Limpo que, opondo á resistencia dos de Guimarães — então ciosos da sua «Sé sem Bispo» — entrou á força na igreja, «arrombando as portas e o sacra-rio».

Do morto, cujos meritos e virtudes eram aqui por todos apreciadas, dizem melhor estas palavras do sr. Conego José Maria Gomes, escritas há 11 anos:

«Padre sempre sem macula, academico laureado, professor consciencioso, pastor desvelado e exemplarissimo, presidente prudentissimo e pundonoroso duma I. e R. Colegiada, jornalista e escritor de relevantes serviços á causa católica e de ampla bagagem literária e scientifica, caracter lealissimo, inteligencia lúcida, coração de ouro, vida, enfim, que é um precioso escriptor de virtudes civicas e morais, porque não tem sido feito Bispo este homem?»

Deixa publicadas as seguintes obras: «Teologia Fundamental»; «Consultorio Eclesiastico» (2 v.); «Discursos Religiosos»; «De Bracara á Covilhana», alem de inumeros artigos dispersos por revistas e jornais catolicos.

O seu cadaver foi trasladado para a Covilhã, terra da sua naturalidade.

A seu sobrinho o nosso pesar sentido.

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspensórios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES



DE LOJA DO BENJAMIM Benjamim de Mattos—Toural, 105—GUIMARÃES

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão; fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a pezo e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 reis.

Sempre saldos de occasião



ATTENÇÃO—Por causa dos falsificadores de taboetas, publica-se a photogravura do chefe da casa, para evitar confusões.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, câmaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.—PREÇOS BARATISSIMOS

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80
(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras. Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno 1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha 40 rs
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 20 "	Annuncios, não judiciais, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão